

Instituto Gulbenkian de Ciência une-se à farmacêutica Merck para criar patentes

A assinatura que decorreu na quarta-feira na Fundação Gulbenkian, em Lisboa, foi brindada com vinho de Carcavelos. O toque é geográfico, já que a bebida é produzida perto do Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC, em Oeiras), o centro que a empresa farmacêutica Merck-KGaA escolheu como parceiro para promover o desenvolvimento de patentes, que permitam dar retorno financeiro também ao instituto.

“Escolhemos a Gulbenkian por causa da excelência na qualidade, da grande reputação e, mais do que tudo, porque as pessoas que trabalham nesta instituição produzem ciência de um modo diferente”, disse ao PÚBLICO Karl-Ludwig Kley, presidente do conselho de administração da farmacêutica, depois de ter assinado um memorando de entendimento com Artur Santos, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian.

O memorando vai passar por duas fases. Durante o próximo ano, a Merck vai analisar o portfólio de paten-

tes do IGC e o que está a ser produzido, para promover a chamada investigação e desenvolvimento (I&D). As patentes que a Merck estiver interessada serão vendidas e os seus custos serão pagos pela farmacêutica. A empresa compromete-se ainda a aconselhar o que fazer com as outras patentes. Numa segunda fase, as duas partes poderão chegar a acordo sobre o financiamento de actividades de investigação no IGC. “O acordo não prevê o financiamento de projectos e os investigadores do IGC continuarão inteiramente autónomos. Os retornos virão da exploração comercial e das invenções aqui realizadas”, explicou-nos António Coutinho, director do instituto.

O IGC tem menos de meia dúzia de patentes registadas e nenhuma comercializada. “Não sabíamos o que fazer com elas”, disse Coutinho. “A Merck sabe, tem uma experiência extraordinária, conhece todas as empresas no mundo. Se não estiver interessada numa patente, sabe quem pode estar.”

Na cerimónia da assinatura estavam ainda a secretária de Estado da Ciência, Leonor Parreira, e o secretário de Estado Adjunto do ministro da Saúde, Fernando Leal da Costa.

“Ao longo dos anos de política de ciência, a contribuição da Fundação Gulbenkian tem sido crucial. Tanto quanto sei, a assinatura deste memorando representa a primeira iniciativa deste tipo no país”, revelou Leonor Parreira. “Anteço que isto seja o primeiro passo de outras iniciativas destas no país.”

Depois da fase inicial, os dois parceiros irão estabelecer um contrato definitivo, que vai vigorar por períodos de cinco anos. Para Karl-Ludwig Kley, uma das áreas com mais potencial é a das terapias imunitárias em que o instituto tem “uma competência substancial”.

“A investigação científica na Gulbenkian vai continuar como era e o que esperamos é que, ao longo do tempo, haja resultados que possam ter interesse comercial para



nós”, considerou Karl-Ludwig Kley.

Por seu lado, António Coutinho explica que a escolha da Merck dependeu da confiança mútua. “Temos de estar completamente confiantes de que é uma situação que traz vantagens para ambos”, disse. António Coutinho referiu ainda que este acordo “estava a ser discutido com a Merck muito antes das medidas” que vão

transformar o IGC num organismo autónomo em relação à Fundação Gulbenkian, uma mudança anunciada em 2011.

Segundo Coutinho, a instituição “vai continuar a fazer acordos com outras empresas”, sempre que houver oportunidade. Mas garante que “a filosofia do IGC não vai mudar; vai continuar a incubar jovens [cientistas] para serem os melhores”.